

LUCIEN FEBVRE, Nosso contemporâneo

LINCOLN DE ABREU PENNA
Prof. da Universidade Gama Filho

Há vinte anos morreu Lucien Febvre. Há vinte anos sua perspectiva histórica está viva. Dele retêm-se extraordinárias sentenças, de uma profundidade raramente observada entre nós. Os ensinamentos que nos legou têm varado estes últimos anos, a despeito da profícua produção historiográfica registrada recentemente. Nessas últimas décadas o pensamento de Febvre tem sido evocado com uma frequência pouco comum em se tratando dos historiadores de ofício.

A história ampliou-se, diversificando seus campos de pesquisa. Com isso, ela se capacitou possibilitando aos historiadores o exercício de sua função social: registrar as grandes conquistas da humanidade, interpretando seu significado à luz do processo histórico.

De acordo com Pierre Chaunu (*De L'Histoire à la Prospective*, Paris, 1975) nos últimos cinco séculos, desde o aparecimento da imprensa, a história como conhecimento representou 10% da produção do livro. Na França, ainda consoante os dados reunidos por Chaunu, há cem anos, a produção da história só é superada, em volume de trabalhos, pela literatura. A importância da história para uma sociedade é medida pelo seu progresso social.

Se o crescimento da história tem sido observado quantitativamente, é sempre oportuno lembrar seu avanço qualitativo. E neste aspecto a contribuição de Lucien Febvre foi inestimável, daí conservar-se tão atual.

Criador dos *Annales* de História Econômica e Social, autor de mais de uma centena de trabalhos entre livros, artigos, conferências e publicações diversas que levaram seu nome. Crítico, polemista, colaborador precioso, deixou-nos inúmeras recomendações valiosas. Entre elas destaca-se aquela em que concebe o historiador como homem de seu tempo, mas sobretudo **para** seu tempo. Pensar o tempo não basta. É preciso viver o tempo.

Febvre e seu companheiro de *Annales*, Marc Bloch, desenvolveram uma atitude historiadora centrada na idéia de uma história sem fronteiras, aberta permanentemente às novas conquistas de conhecimento. Uma história viva, combatente e interessada, que diga respeito à época e que traduza as prioridades de conhecimento do momento histórico responsável por sua concepção. Dessa forma, ao historiador cabe interpretar os períodos históricos à luz das solicitações de seu tempo.

Crítico do Positivismo e de sua filosofia da história, Febvre lança-se resolutamente contra a história historicizante e sua concepção linear dos fatos

históricos. Arrumada, eloquente, escrava do fato, fiel as fontes submetidas à rigorosa investigação, esta concepção produzia, segundo Febvre, uma história sem atrativo, sem vida. Presa ao compromisso da total e exclusiva imparcialidade do historiador, essa corrente retirava dêste sua principal função: a de interpretar do tempo vivido.

“Um historiador que recusa pensar o fato humano, um historiador que professa submissão pura e simples aos fatos, como se os fatos não fossem fabricados por ele, como se não tivessem sido eleitos por ele, previamente, em todos os sentidos da palavra “escolher” (. . .) é um ajudante técnico, que pode ser excelente, mas não é historiador” (Febvre, L., *Combates por la História*, Barcelona, 1970, p. 180).

Discípulo de Vidal de la Blache, a quem atribui o fato de sua geografia ter tido forte influência na formação dos *Annales* e, de Émile Durkheim ao qual rende homenagem em nome do grupo que em tórno do sociólogo francês pôde apreender a dimensão de seus ensinamentos, Febvre constituiu-se num dos nomes mais notáveis da historiografia contemporânea.

Compreendeu o enorme significado do avanço das ciências humanas para a história. Atualizou-a e a fez crescer, sem que a despersonalizasse como conhecimento específico. Soube entender a colaboração estreita entre a história e as disciplinas vizinhas.

A história, “filha do tempo”, tem que estar em permanente processo de renovação. Renová-la á dotá-la de condições para que possa assumir seu papel de agente consciente do tempo. A história não deve resumir-se em anotar contemplativamente o passado, ao contrário, deve propor questões à êste passado, questões que lhes sejam pertinentes e adequadas.

A história muda com o tempo. Em consequência, ela é por essência, ciência do movimento. Esta perspectiva foi melhor aprofundada por Marc Bloch em sua genealogia das sociedades. Contudo, é em Febvre que esta imagem da história, em sua “permanente mutação”, alcança momentos de maior expressividade. Como em 1919 ao enumerar as qualidades próprias de um historiador: “perpétua inquietação de um espírito sempre alerta”, a faculdade de “se adaptar rapidamente as novas situações”, a mobilidade e a elasticidade do pensamento. E ao tecer tais condições, êle as compara àquelas que a guerra acabara de exigir dos franceses. (“*Histoire dans le monde en ruines*”, *Revue de Synthèse historique*, 30 (1920), p. 1-15, p. 5.

Ciência do movimento mas também do equilíbrio. Equilíbrio entre a tradição e a inovação. Êste elo permite a unidade do processo histórico em meio às descontinuidades sucessivas. Permanências e rupturas se encadeiam numa convivência da qual participa o historiador.

História, reconstrução permanente, em que se associam o velho revisto e sempre cultuado numa perspectiva do tempo que muda mas não destrói o passado glorioso do homem. Ao contrário, revivendo-o impõe sua permanência num eterno processo de criação. Esta história que Febvre soube encarnar em vida e transmitir como nessa passagem quando afirma ser ela, “. . . uma vasta experiência das variedades e das variações humanas, um interminável reencontro dos homens de todos os tempos, de todos os lugares, de todas as cores.” (“*Face au Vent*”, 1946, *Combats*, p. 40).

A articulação dessa história totalizante que abriu caminho para a consolidação de uma verdadeira história social, mas sobretudo cultural e espiritual da Civilização, em sua abordagem genética, foi visualizada por Febvre em seu contacto com Henri Berr. Será na qualidade de especialista da Franche-Comté geográfica e histórica que Febvre foi convidado a participar com Berr em sua *Revue de Synthèse historique*. Berr propõe-se a criar uma “ciência plena” que combatesse firmemente uma filosofia da história por ele considerada condenada. A história e a Sociologia constituiriam a base desta nova ciência, “ao mesmo tempo especulativa e prática, retrospectiva e ideal” à qual batiza então de “síntese histórica”. (*La Synthèse en histoire*, Paris, 1911, p. 31). A expressão síntese não encerra apenas um sentido metodológico ou ainda epistemológico, ela encobre principalmente uma ontologia. “A tendência a ser, a preservar no ser, que é a expressão da unidade real, completa-se pela tendência a ser mais ou melhor, a ser sem limites (. . .). O Eu sendo unidade, e não sendo tudo o que é, e sentindo que não é tudo, deve ser síntese.” (Berr, H., *La Synthèse des connaissances et l’histoire, essai sur l’avenir de la philosophie*, Paris, 1898, p. 36. Citado por Hans-Dieter Mann, Lucien Febvre, *la pensée vivante d’un historien; Cahiers des Annales*, 31, Paris, p. 75).

O debate sociológico de então desenvolvia-se em torno da prioridade entre o indivíduo e a sociedade. Qual dos dois objetivos deveria perseguir a Sociologia? Esta questão vai envolver Gabriel Tarde e Émile Durkheim. O primeiro alinhado à primeira perspectiva, objetada por Durkheim. Berr assume a posição de Tarde, refutando os argumentos do mestre francês ao sentenciar: “a sociedade não pensa”. Tal assertiva sensibilizará Febvre para sempre. Sua colaboração na coleção dirigida por Berr, *L’évolution de l’humanité*, desde 1905 quando publicou sua Franche-Comté, marcou o que poderíamos considerar a fase preparatória dos “*Annales*”.

A nova dimensão assumida pela história a partir de então, ao incluir fontes tão variadas como a geografia, a literatura, o folclore, a psicologia, a arte, a religião, as idéias; prepararão os fundamentos do que viria ser a contribuição inestimável de Febvre e Bloch, tempos mais tarde. Este novo dimensionamento estimula as pesquisas regionais, com o propósito de se conseguir obter os “traços mentais” dos povoados, sua maneira de ser e a evolução desse ser coletivo. Contudo, essas monografias regionais não deveriam se fechar em si mesmas. As províncias são partes de um todo orgânico, as nações. Precisar suas especificidades é tornar mais rica essa unidade maior.

Neste contexto, a geografia para Febvre ganha uma nova dimensão. E isso se dá no momento em que a Escola de Vidal de la Blache se vê acossada pela orientação impregnada de determinismo do alemão Friedrich Ratzel, fundador da Antropogeografia. Febvre o combate exaltando a inesgotável capacidade do homem contra a mecânica do meio físico.

O interesse de Febvre pelo século XVI, demonstrado por seu trabalho sobre Lutero (*Un destin, Martin Luther*, Paris, 1928) ao atribuir a encenação do espírito alemão “com tanta força”, abriu o caminho para o estudo do que se poderia designar por uma “psicologia histórica”. O diálogo que Febvre estabelece entre o século XVI e o nosso se faz ao longo de um processo onde as descontinuidades moldam a cada momento definido estruturalmente uma atitude

humana. A cada uma corresponde uma verdade, condicionada pelo seu tempo, seu meio social, sua estrutura social e sua cultura intelectual que explicam seu nascimento e sua tendência. Somente à luz desses elementos é que se pode justificar seus contrastes e suas oposições. Dêse modo, pode-se compreender porque as circunstâncias mudaram fazendo desaparecer certas atitudes em favor de outras. É somente nesta medida que “podemos avaliar o esforço perseverante da inteligência humana reagindo à pressão dos acontecimentos, ao choque das circunstâncias. É o que é, certamente, a tarefa do historiador.” (Febvre, L., in *Rabelais*, p. 384, citado por Hans-Dieter Mann, op. cit. p. 109).

Febvre justifica a importância da psicologia na história ao assinalar, com justa razão, que antes mesmo da língua os sentimentos e as expressões formaram um sistema que tornara possível a compreensão no interior das comunidades primitivas o que assegurara sua evolução e unidade. A influência de Henri Wallon que surge desde 1938, quando aparece sua “*La Vie mentale*”, é decisiva para o desenvolvimento desse projeto em Febvre. E já se pode perceber em seu trabalho sobre a sensibilidade (*La Sensibilité et l'histoire*, publicada em 1941 nos *Annales*, pp. 5-20).

O estudo das estruturas formadoras do espírito de uma época amplia grandemente os horizontes do historiador. Permite, segundo Febvre, que se possa descortinar o pensamento que se traduz na ação e é, por essa, condicionada. No entanto, realça o fundador da psicologia histórica, a importância da natureza dos sentimentos, pois, para ele, as artes, a literatura, as idéias, estão em geral intimamente ligadas a esta estrutura. Essas culturas estruturadas a um só tempo adquirem uma personalidade duradoura que, entretanto, se desgastam dando lugar a outras modalidades de sentir. Todavia, ao se definirem elas se incorporam e agem no interior de uma nova “psyque” coletiva, mantendo aceso o elo continuista da civilização que vivencia as descontinuidades que lhes são próprias.

O que realmente sobressai na atividade intelectual de Febvre é sua atualização e sua permanente disposição de rever suas concepções quando essas dão mostras de insuficiência. Assim é que ao formular o conceito de “*outillage mental*”, percebeu que essa idéia estava, por assim dizer, presente nas obras dos lingüistas de sua época. Passou, então, como lhe era peculiar, a refletir sobre essas leituras que passaram a lhe atrair num de seus inúmeros “exames de consciência”, como se pode verificar nesta passagem:

“Colaboração dos homens, concordância dos métodos, analogia dos desenvolvimentos. De uma seção da filologia, a filologia comparada, ela mesma oriunda da descoberta do sânscrito no século XVIII, uma ciência nova, a lingüística apareceu. (. . .) Evolução que, sem dúvida, prefigura de muito longe e grosseiramente o que um dia corresponderá à história, quando o estudo global dos conjuntos históricos — povos e nações se assim se pode de antemão determinar (porque depende, enormemente, dos progressos das outras ciências vizinhas), o estudo estático dos fatos da história . . .” (Febvre, L. *Examen de conscience* (1933), *Combats*, p. 14).

Philippe Aries define bem o método empregado por Febvre, a despeito de sua extrema insatisfação em dotar a história de todos os recursos possibilitados pelo avanço científico. Segundo Aries (“*Le Temps de l'histoire*”, Mona-

co, 1954, p. 300), “o método problemático de L. Febvre o conduz a conceber a História como uma sucessão de estrutura totais e fechadas, irredutíveis umas às outras. (. . .) Existe entre duas civilizações sucessivas oposições essenciais. Da primeira à segunda, passou-se alguma coisa que não está na primeira, alguma coisa como uma mutação em biologia. (. . .) Uma sociedade lhe parece como uma estrutura completa e homogênea, que expulsa os elementos estranhos, ou os reduz ao silêncio.”

Mas, o que verdadeiramente faz de Febvre nosso contemporâneo é o fato de seus ensinamentos e, sobretudo, suas dúvidas serem compartilhadas por todos os que hoje se encontram na sempre eterna batalha pela história. Qualquer debate envolvendo a história encontra-se em Febvre, uma presença assustadora. Seja na questão da cientificidade de seu conhecimento, ou sua situação nos currículos escolares, seus textos são atuais. E essa atualidade se expressa no próprio questionamento da história. Michel Foucault não esconde seu tributo ao fundador dos *Annales* e o faz inserindo em seu *Les Mots et les choses* uma passagem de Febvre, “uma história que não é a de sua crescente perfeição mas sobretudo a de suas condições de possibilidades; neste relato, o que deve figurar são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar as formas diversas de seu conhecimento empírico. Mais que uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia” (Foucault, M., *Les Mots et les choses*, p. 13). Na realidade, ao destacar essa frase, Foucault elabora um dos pontos centrais de seu pensamento, ou seja, as “condições de possibilidade” do discurso. Não é, por conseguinte, o discurso em si que lhe interessa mas sua anterioridade, sua arqueologia.

Mann (op. cit. pp. 141/144) ressalta o paralelo existente entre Febvre, sobretudo em *La Terre et l'évolution humaine* (1922) e Foucault do *Les Mots et les Choses* (1966). Ambos assinalam a existência de uma concepção coletiva do mundo no interior de uma visão individual. Independentemente de uma postura ideológica, existe uma ligação temporal que dá sentido e conexão as diferentes posições assumidas diante do mundo. Essa proposição, aliás, é magnificamente enfocada por Georges Duby e sua história das mentalidades (Duby, in *Encyclopédie de la Pléiade*) ao referir-se às mentalidades como responsáveis pelas produções ideológicas. Ou melhor, usando e ampliando a categoria analítica do materialismo histórico, os modos de produção, Duby rejeita o marxismo vulgar da produção enquanto conotação econômica — o que leva a se considerar a história dentro de um enfoque do determinismo econômico —, concedendo-lhe a dimensão bem mais rica. E nessa dimensão a produção encerra o conjunto integral de todas as manifestações do homem. É nessa linha que, por final, Febvre situava sua gênese das civilizações.

Lucien Febvre encarnou como poucos o pensamento dos homens devotados ao saber de nossa época. As questões por ele levantadas têm merecido a curiosidade dos nossos cientistas sociais, dos linguistas, psicólogos e humanistas em geral. Suas idéias são atuais porque nosso tempo gira ainda em volta delas, como bem assinalou Georges Friedmann (Friedmann, G., “Lucien Febvre, toujours vivante”, *Annales*, 1957, p. 3-6). Historiador do tempo mas principalmente, do seu tempo. Historiador das idéias, das civilizações, estruturalista antes do tempo da projeção e difusão dessa corrente, foi também

adepto do quantitativismo. Não de uma história quantitativa, mas de uma história que não despreze a inestimável ajuda que podem fornecer as estatísticas, a matemática e a econometria. Até porque não acreditava na incompatibilidade da quantificação e do “esprit de finesse”. Observação essa encorpada por um dos principais nomes da corrente quantitativista francesa, Labrousse, que recomenda o método quantitativo para que se possa “pensar” os dados, permitindo-se dessa forma melhor avaliá-los; nunca porém “contá-los”. A absolutização do dado pelo dado empobrece a análise, desvirtuando a função do historiador que se limita a registrar o fato sem conectá-lo com o conjunto de fenômenos que o cerca e lhe dá vida e forma.

Na França, as instituições que dirigem suas atividades para a pesquisa têm em Febvre um exemplo vivo. A **VI section de l'École pratique des Hautes Études**, fundada em 1947, absorveu boa parte dos ensinamentos de Febvre. A tarefa a que se propôs a **École Pratique** divide-se no sentido da história inaugurado pelos organizadores dos *Annales*: fazer uma história econômica e social a mais abrangente possível. E a tendência recente ao quantitativo, mesmo no interior de uma história psicológica, hoje representada por Jacques Le Goff, Robert Mandrou e Alain Besançon (J. Le Goff, *Les Intellectuels au Moyen Âge*, Paris, 1957; *La Civilisation de l'Occident Medieval*, Paris, 1967. — R. Mandrou, *De la cultura populaire aux XVII et XVIII siècles, la bibliothèque bleue de Troyes*, Paris, 1964. — Alain Besançon, *Le Tsarevitch immolé*, Paris, 1967) são marcas profundas deixadas por Febvre.

Se tais referências a presença de Febvre entre nós e no domínio da história, em particular, não fosse suficiente, bastaria destacar a importância representada por seu principal discípulo: F. Braudel. Sua obra mais significativa (*Civilisation Matérielle et capitalisme*, Paris, 1967) revela a acuidade, a abrangência e o vigor no trato dos fatos nunca desprezados mas sempre dimensionados.

A sensibilidade face ao novo é, sem dúvida, um traço marcante da personalidade de Lucien Febvre. Tudo quanto hoje possa considerar-se novo na história foi, pelo menos de passagem, mencionado nas suas obras. O computador, a demografia, o clima, que deram margem aos novíssimos campos de pesquisa histórica e hoje explorados por Le Roy Ladurie (*Le Roy Ladurie, É. — Le Territoire de l'histoire*, Gallimard, Paris, 1973), nada escapou a sua observação.

Primeiro a referir-se a atitude criativa do historiador ao negar a passividade do registro dos fatos e propor a “fabricação” desses fatos, sublinhando, dessa forma, a prioridade da interpretação sobre a narração. (Febvre, L. *Combates por la Historia*, Ariel, Barcelona, 1970, p. 180). Febvre liberta a história da camisa de força que lhe inpusera a Escola berlinense de Ranke e Niebhur e o positivismo histórico francês. Com ele a história cresceu, permitindo as incursões dos historiadores não-de-ofício (sociólogos, economistas, etc. . .) que aproximaram essas disciplinas-irmãs, tornando-as interdependentes e solidárias.

Ele próprio, dada provavelmente a diversidade concedida à história, não possui uma obra específica ou consagrada a determinados objetos, a despeito dos estudos realizados sobre o século XVI. A variedade de seus trabalhos indica esse espírito insatisfeito. Classificá-lo, portanto, é tarefa difícil. Febvre é

revisonista, culturalista, estruturalista. Adere as novas correntes historiográficas desde que elas importem na constante renovação do conhecimento histórico. É teórico, e filósofo de história, quando o emaranhado dessas novas contribuições requer uma sistematização. Na verdade, confere ao historiador uma árdua missão também expressa por seu compatriota, Michelet, por ele tão exaltado e do qual se considera discípulo de fé. Trata-se da missão de zelar pela perpetuação da liberdade. A história pressupõe liberdade e sem ela a história se atrofia, perde sua força e seu significado. É provável que aí resida o maior ensinamento de Febvre (Febvre, L. "L'histoire dans le monde en ruines", *Revue de Synthèse historique*, 30, 1920, p. 1-15).

Marc Bloch em sua *Apologie pour l'Historie* ou *Métier d'historien*, dedica-a a Febvre, três anos antes de ter sido assassinado pelos nazistas. Nesta dedicatória Bloch refere-se ao objetivo comum que o uniu a Febvre: combate por uma história mais ampla e mais humana.

No que se refere a amplitude o objetivo perseguido por Bloch e Febvre parece ter sido consolidado. No entanto, resta-nos uma tarefa a cumprir: torná-la humana. Ou seja, recolocar o homem como centro de interesse e objeto mesmo da história.